

**vozes, resistências e esperar coletivo:
um gesto sereno que nasce da escuta profunda**

**voices, resistances, and collective hope:
a serene gesture born from deep listening**

Semíramis Albuquerque Biasoli

Secretária Geral

Fundo Brasileiro de Educação Ambiental (FunBEA)

Piracicaba, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5939-5289>

Grace Maria Martins da Silva Luzzi

Coordenadora de Comunicação

Fundo Brasileiro de Educação Ambiental (FunBEA)

Piracicaba, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5507-8430>

Rachel Trajber

Criadora e Coordenadora do Cemaden Educação

Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres (MCTI)

São José dos Campos, SP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3270-2352>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17442816>

Resumo: As autoras apresentam o Caderno de Resumos 2 do dossiê “Educação Ambiental Climática”, da revista *Letramento SocioAmbiental*, centrado no eixo “Justiça Climática, Racismo Ambiental e Territórios de Resistência”. O Caderno reúne 25 contribuições que revelam práticas de enfrentamento às desigualdades socioambientais e ao racismo ambiental, destacando o papel das juventudes, do feminismo socioambiental e dos saberes locais. A Educação é apresentada como força política, estética e decolonial, capaz de transformar o cotidiano em pedagogia do enfrentamento e promover o Bem Viver. As experiências relatadas unem ciência, ancestralidade e afetividade, mostrando que comunicar o clima é também resistir. A revista *Letramento SocioAmbiental* se coloca como espaço de diálogo entre ciência e saberes tradicionais, fortalecendo soluções comunitárias frente à crise civilizatória e climática.

Palavras-chave: (1) Justiça climática; (2) Educação ambiental; (3) Racismo ambiental; (4) Saberes locais; (5) Bem viver.

Abstract: The authors present *Caderno de Resumos 2* of the dossier “Climate Environmental Education” from the journal *Letramento*

SocioAmbiental, focused on the axis “*Climate Justice, Environmental Racism, and Territories of Resistance*”. The volume brings together 25 contributions that showcase practices addressing socioenvironmental inequalities and environmental racism, highlighting the roles of youth movements, socioenvironmental feminism, and local knowledge. Education is portrayed as a political, aesthetic, and decolonial force capable of transforming everyday life into a pedagogy of resistance and promoting *Buen Vivir* (Good Living). The experiences described weave together science, ancestry, and affectivity, showing that communicating about climate is also an act of resistance. The journal *Letramento SocioAmbiental* positions itself as a space for dialogue between scientific and traditional knowledge, strengthening community-based solutions in the face of the civilizational and climate crises.

Keywords: (1) Climate justice; (2) Environmental education; (3) Environmental racism; (4) Local knowledge; (5) Buen Vivir.

Apresentação

Em um mundo à beira do colapso, o dossiê *Educação Ambiental Climática* da revista *Letramento SocioAmbiental* propõe que, em vez de apenas reagir, escolhamos o gesto da resposta serena, fundamentado na escuta profunda e na articulação entre saberes ancestrais, ciência e bem comum. O **Caderno de Resumos 2** - que corresponde ao eixo temático *Justiça Climática, Racismo Ambiental e Territórios de Resistência* - reúne 24 contribuições que exploram desigualdades socioambientais, racismo ambiental e formas de resistência de populações periféricas, tradicionais e originárias, destacando juventudes em movimento, feminismo socioambiental e territórios vulnerabilizados.

Os textos revelam que enfrentar a crise climática exige Educação, conhecimento local e engajamento comunitário, transformando práticas cotidianas em pedagogias do enfrentamento. Seja no monitoramento climático da agricultura familiar, nas redes de educadores, nos terreiros de Candomblé ou nos muros do *hip hop*, emerge uma educação ambiental decolonial, estética e política, que integra técnica, afetividade e ancestralidade.

Esses saberes permitem compreender o clima não apenas como dado científico, mas como experiência afetiva, política e pedagógica, atravessando corpos, territórios e memórias. A Educação Popular, nas trocas comunitárias e no diálogo com a ciência, combate o negacionismo, reconstrói narrativas e fortalece soluções locais. A mergulhar neste contexto, a revista *Letramento SocioAmbiental* se inscreve como uma estrutura de enfrentamento da crise civilizatória, promovendo a justiça climática, a equidade e o Bem Viver, lembrando que acreditar na Educação é um ato político e estratégico, sustentado pelo compromisso coletivo, escuta e ação compartilhada.

— *Como trilhar caminhos em meio a um mundo que estremece, às portas de um possível colapso?*

Talvez possamos, em vez de apenas reagir ou nos deixar consumir pelo cansaço, escolher o gesto da resposta serena — aquela que nasce da escuta profunda. Entre os saberes ancestrais, os conhecimentos científicos e o sonho do bem comum, a Educação pode ser o fio que tece o esperar — delicado, persistente e vivo — para que possamos virar o jogo.

As contribuições que este Caderno reúne refletem sobre as desigualdades socioambientais, o racismo ambiental e as múltiplas formas de resistência das populações periféricas, tradicionais e originárias diante da crise climática. As reflexões aqui apresentadas revelam como os impactos das mudanças climáticas se distribuem de forma desigual e como,

em resposta, emergem práticas comunitárias de enfrentamento, solidariedade e vigilância popular.

Entre os temas abordados destacam-se as juventudes em movimento, o feminismo socioambiental, e os territórios vulnerabilizados — todos articulados por um eixo comum: a valorização dos saberes locais e a construção de políticas públicas comprometidas com a equidade climática e a justiça territorial.

Estamos, como alertam cientistas do clima e das Ciências Sociais, a meio grau do colapso. E, diante desse cenário, não há mitigação nem adaptação possíveis sem a Educação. É fundamental que a sociedade brasileira compreenda a urgência de se “*letrar climaticamente*” — de aprender a nomear, compreender e agir frente à crise do clima. Conceitos como *racismo ambiental* e *justiça climática* são chaves para a leitura do presente e para a construção de um futuro possível.

Os textos que se seguem formam um **fio narrativo potente**, que atravessa geografias distintas e revela um mesmo movimento: o de **comunidades que, diante da crise climática e da ausência do Estado, reinventam o sentido da ação coletiva, da Educação e da Justiça Ambiental**. Neles, o saber local e o engajamento comunitário se tornam centrais para compreender o que significa “*letrar-se socioambientalmente*” no “*capitaloceno*”.

Mais que relatar boas práticas, essas experiências apontam para uma pedagogia do enfrentamento — uma Educação que nasce do território, que une técnica e afetividade, e que tece, com as mãos da coletividade, o desejo ativo de um futuro habitável.

Nesta sequência, as experiências apresentadas reforçam que comunicar o clima é também educar para a vida. Seja no campo produtivo ou nas redes de educadores, emerge um mesmo impulso: traduzir a complexidade climática em linguagem acessível, sensível e transformadora. A divulgação científica e o uso de tecnologias de monitoramento tornam-se instrumentos de diálogo entre ciência e agricultura familiar, fortalecendo a resiliência local e a governança participativa.

As práticas educacionais analisadas em coletivos evidenciam que comunicar é também resistir. Essas experiências demonstram que a justiça climática depende, em grande medida, da democratização da palavra, da escuta e do conhecimento.

Essas experiências, vindas de diferentes geografias e campos do saber, se encontram em um mesmo horizonte: o de **educar para o sentir, o compreender e o transformar**. Elas reafirmam que a crise climática não é apenas um dado da Ciência, mas uma experiência afetiva, política e pedagógica — que atravessa mentes, corpos e territórios.

O fio que as une é o da esperança lúcida: aquela que nasce do enfrentamento e se sustenta na reinvenção do comum. Outras abordagens propõem pedagogias da resistência — seja na força ritual das folhas no

terreiro, seja nas rimas do *hip hop* dos muros — e apontam para uma Educação Ambiental decolonial, estética e política, que reconhece a ancestralidade, a arte e o território como bases para o bem viver e a justiça climática.

As lacunas históricas da Educação formal no Brasil reforçam a importância da Educação Popular — aquela que nasce nos territórios, nas trocas entre gerações, nas conversas debaixo do pé de manga, como lembrava Paulo Freire. É nesse chão que florescem experiências educadoras e comunicadoras capazes de combater o negacionismo climático, reconstruir narrativas e articular soluções climáticas locais e coletivas.

Publicações como a revista *Letramento SocioAmbiental* constituem verdadeiras pilastras de uma nova arquitetura de enfrentamento político e social frente à crise civilizatória e climática. A ecologia de saberes, ativada por esta obra, conecta o conhecimento científico às tecnologias ancestrais e à sabedoria dos povos originários, visibilizando práticas educativas e comunitárias que emergem da base com potência transformadora.

Acreditar na Educação, neste contexto, não é um gesto ingênuo de esperança, mas um ato político e estratégico. É reconhecer que o *esperançar*, na perspectiva freiriana, nasce do compromisso coletivo, da escuta e da ação compartilhada.

É nesse movimento que a *Letramento SocioAmbiental* se inscreve — como convite, como prática e como horizonte — rumo a um futuro sustentado pela Justiça Climática, pela equidade e pelo Bem Viver.

Sobre as autoras

Semíramis Albuquerque Biasoli possui graduação em Ciências jurídicas pela PUCCAMP (1993); pós-graduação em Gestão Ambiental pela UNICAMP (2003) e doutorado em Ciências, com ênfase em Políticas Públicas de Educação Ambiental pela ESALQ-USP (2015). É membro da *Rede Paulista de Educação Ambiental* (REPEA) e Pesquisadora do *Laboratório de Educação e Política Ambiental* do Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP, em Piracicaba-SP. Trabalhou junto ao Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente entre 2004 e 2008. É Secretária Geral do Fundo Brasileiro de Educação Ambiental (FunBEA) desde 2010.

Grace Maria Martins da Silva Luzzi é Mestra pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, comunicadora e produtora audiovisual do FunBEA. jornalista com mestrado em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicação e Artes da USP (2012). Foi coordenadora de conteúdos na *Fundação Padre Anchieta* (TV Cultura e TV Rá Tim Bum). Também é sócia da *Zumbi Filmes*, que trabalha com produção para emissoras e plataformas internacionais no Brasil, como *National Geographic*, *Discovery Channel*, *Netflix* entre outras.

Rachel Trajber possui mestrado (1982) e doutorado (1988) em Antropologia pela *Purdue University*. É criadora e coordenadora do programa *Cemaden Educação* do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação desde 2014 e foi coordenadora geral de Educação Ambiental no Ministério de Educação brasileiro de 2004 a 2012.